

Literatura, Vanguardas e Regionalismos: poéticas em trânsito e fronteiras

Prof. Dr. Mário Cezar Silva Leite¹ (UFMT)

Resumo

A proposta central deste trabalho é observar, a partir da criação literária brasileira produzida em Mato Grosso, como a movimentação de vanguarda e contemporânea estabelece uma dinamicidade entre os lastros do regionalismo e da arte local e o viés da nacionalização e globalização. Nesse viés, analiso os procedimentos poéticos que essa produção configura tanto para o veio regional, para o global, quanto para suas possíveis conexões. Como as questões do regionalismo reverberam (fortemente) nas questões da construção das identidades, verifico também como os paradigmas matriciais de identidades locais se atualizam/criam/recram/inventam entre a fixação de fronteiras (em tese, para a poética que se regionaliza) e o deslocamento nos trânsitos (em tese, para a poética que busca os trânsitos e as tessituras nacionais e globais).

Palavras-chave: Regionalismo, Identidades, Vanguardas, Mato Grosso.

Tentarei ser breve, manter-me dentro do tempo previsto, e ao mesmo tempo dar conta de explanar os pontos principais dessa pesquisa e trabalho. Pesquisa porque está em andamento, processo contínuo desde 2003. Trabalho porque já, de lá para cá, gerou alguns resultados.

Refletir sobre literatura, regionalismos, vanguardas e identidades tendo como objeto central a produção brasileira em Mato Grosso – sem perder de vista, no entanto, a movimentação teórica e artística nacional (regionalizada ou não) e transnacional – tem mobilizado-me há algum tempo e configura-se como uma pesquisa que se divide em três etapas organicamente interligadas, mas ao mesmo tempo mantêm suas relativas independências.

A primeira etapa, desenvolvida de 2003 a 2005, gerou um longo artigo intitulado *Literatura, Identidades e regionalismo: cartografia mato-grossense* e um livro, onde o artigo se encontra, chamado **Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso** (LEITE, 2005) onde reuni e organizei dez artigos de dez estudiosos da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. A pesquisa em si e a organização do livro deram-me evidentemente um relativo panorama da situação artística e acadêmico-intelectual na região (conceito tb um pouco complicado, mas não vou entrar nessa discussão agora) ligado, ou assentado, nas mais variadas tendências e perspectivas teóricas.

Vale dizer que numa certa medida estudar atualmente o chamado “regionalismo”, num tempo-mundo globalizado, pode parecer anacronismo e no mais das vezes, à primeira vista, confunde os leitores/ouvintes mais apressados. Via de regra, crê-se que o pesquisador adota de imediato a postura “regionalista” e fala em defesa a-crítica da “sua” região. Esclareço que minha perspectiva não é essa nem a da exaltação bairrista e ufânica da produção artística em Mato Grosso. Como verão à frente, fui levado à reflexão sobre regionalismo e identidades pela própria formatação do objeto.

Na primeira etapa (2003-2005), minha real preocupação não era exatamente o regionalismo em Mato Grosso. Aliás, eu nem pensava nele. Estava interessado em entender mais profundamente o processo artístico, histórico e sócio-cultural da produção literária. Daí a palavra, o conceito,

¹ mcsil@terra.com.br

“cartografia” — que no início dos anos 2000 estava muito em voga² — ser essencial nesse momento. Iria eu, inicialmente, mapear a produção literária. Mas...o próprio objeto, coisa comum de acontecer em pesquisa, começou a balizar, a sinalizar, muito mais coisas. O corpus intrigou-se, criou intrigas (no sentido banal do termo mesmo) entre si e de algum modo desfez as minhas perspectivas iniciais. E nesse desenredo apresentou-me uma proposta talvez um pouco mais “subterrânea” — que hoje vejo como fundamental. Ou seja, antes de cartografar é preciso entender o que vai ser cartografado. A “cartografia” é em si já um resultado. No sentido mais literal do termo, trata-se de um mapa, de um desenho informativo de um conjunto, coerente e, por algum motivo, interligado, de coisas. Como elas se dispõem em, e na, relação com um determinado recorte espacial. Se pudermos entender (num exercício, num jogo, numa licença de movimentação de imaginário) as obras literárias equivalentes à dados e fenômenos naturais (geograficamente falando, pedra, montanha, rio, chuvas etc) teremos que considerar primeiramente a sua “inexistência” no seu isolamento e solidão. Considerar a sua inexistência em si mesmo. Para que esse dado natural, esse fenômeno, torne-se um espaço ou um paisagem identificável e passível de sentidos, entendimentos e descrições (ou desenhos) é preciso que seja colocado no âmbito e nas relações da cultura, no interior dela e como parte dessa cultura com a qual se relaciona no plano mais imediato e cotidiano. Grosso modo, e muito rasteiramente, essa é uma compreensão de paisagem e espaço (lembrando, é claro, que não são exatamente a mesma coisa) da própria geografia. Já se sabe que o dado natural em si nunca é natural (o conceito de natureza é produzido cultural e socialmente) e ele se torna aquilo que resulta do, e no, encontro com a cultura³. Se quisermos trazer à luz agora um conceito diretamente ligado às discussões aqui levantadas — e talvez aclarar um pouco mais a “substituição” de obra literária por dado natural — podemos falar em região, antes de regionalismo. A idéia de regionalismo implica necessariamente na criação de um sistema discursivo qualquer de constituição e formatação que, em tese, remete-se diretamente a um outro sistema, ou conjunto de elementos, que estejam intrinsecamente vinculados à idéia de determinada, e de determinação de uma, região. Grosso modo, o regionalismo é de algum modo um discurso sobre uma região. Entretanto, região para a própria Geografia, e outras áreas, é uma *noção problemática*, de *uso fluido e tem dificuldades em se estabelecer como conceito* (LENCIONE, 1999. p. 16). Essa fluidez, entre outras coisas, se estabelece e está intimamente ligada ao fato de que não se pode, ou não se consegue, estabelecer o conceito (de região) única e exclusivamente a partir dos recortes ou dados geográficos. Alguns geógrafos chegam a falar que o processo constitutivo de uma região se presta a todo tipo de “mistificação” (LENCIONE, 1999, p.16). Como pesquisador que vem de uma tradição de estudos de cultura e imaginário (mas que se enfronhou um pouco em geografia e geologia) discuto, ou melhor, discuti essa idéia e a partir da premissa de que “mistificação” envolve (nos termos apontados pela geografia) a noção de um algo numa espécie de deturpação, alteração de um determinado meio existente em si mesmo e independente de uma cultura que o define (o que é contraditório com a idéia de “região” da própria geografia) optei pela noção de “elaboração”. Isso é, região constitui-se ou pode constituir-se e prestar-se a todo tipo de elaboração. Ou seja, de qualquer maneira, é ela mesma uma elaboração. Convenhamos, se paisagens e espaços se constroem como “atos de culturas” efetivamente a região também se constrói desse modo. Sem contar uma série de outros fatores co-relacionados que se inserem nesse processo. Pierre Bourdieu tratando de fronteiras (que no limite definem as regiões) vai dizer, por exemplo, que:

Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações ‘naturais’ em regiões ‘naturais’, separadas por fronteiras ‘naturais’ /.../. Mas não é tudo: a ‘realidade’, neste caso, é social /.../ e as classificações mais ‘naturais’ apoiam-se em características que nada têm de natural e que são, em

² Mais ainda no meu caso que vinha de um doutorado onde estudei as relações natureza-cultura-paisagem-mitos. (LEITE, 2003)

³ Cf. LEITE, 2003 – cap. Impressão de Paisagens – p.53-72.

grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima. (BOURDIEU, 2004. pp.114/115)

Para Selma Sena,

Tal como a nação, a região também é uma tradição inventada, e é um exercício inútil, embora freqüente, para o cientista social, procurar na geografia, na história ou na etnia os referentes de verdade do discurso regionalista. A força mobilizadora dessas construções simbólicas não repousa no fato de serem elas verdadeiras ou falsas, mas no fato de serem eminentemente sociais. [...] os intelectuais, artistas e escritores desempenham um papel determinante no trabalho simbólico de formulação da região e na ruptura do desconhecimento que encapsula os espaços periféricos, contrariando o processo de homogeneização por meio da ênfase nas particularidades locais. (SENA, 2003. p. 135).

Note-se que o sentido geral do regionalismo é não apenas formatar-se ou configurar-se enquanto um discurso hegemônico, sobre si mesmo – a partir da eleição e criação de alguns aspectos e elementos – no interior de uma determinada comunidade, mas configurar e formatar a própria comunidade enquanto algo coeso, hegemônico e identificável para si mesmo, por um lado, e, por outro, na diferença em relação ao outro, ou a outras comunidades. Tudo como formatação de “categorias sociais”, simbólicas e discursivas que elaboram e enfatizam as singularidades rumo à construção identitária. Em decorrência de sua definição, identificação e diferenciação o discurso regionalista visa não apenas criação de sua auto-imagem, mas à inserção no conjunto – e na disputa – do discurso nacional que, por seu turno, elege e cria determinadas regiões como legítimas representantes do nacional.

Assim, a intriga causada pelo corpus era exatamente a necessidade de estabelecê-lo enquanto tal. Estabelecê-lo enquanto um conjunto relativamente coeso. Era preciso que obras e autores deixassem de ser “dados naturais em si” para tornarem-se espaços e paisagens. Para a cartografia era preciso rotas, trilhas, acidentes, tempo de percurso para que o viajante pudesse não estar à deriva. Isso tudo traduziu-se então na seguinte questão: o que vou cartografar? O que me permite falar em literatura mato-grossense ou de Mato Grosso? Existe algo que se congregue, ou possa congrega, para que se possa falar nisso como um algo identificável para todos?

A busca por uma adequada perspectiva de fundamentação para resolver os problemas ao apontados levou-me a Antonio Candido e seu entendimento de literatura enquanto sistema. Sei que isso é mais do que conhecido de todos aqui, mas ressalto apenas que nessa elaboração a literatura é percebida com

um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase [uma região?]. Esses denominadores são, além, além de características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transforma em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 1997. v.1, p. 23)

Lembro que estou resumindo tudo, mas, desse modo, parti em busca dos elementos que elaborassem e garantissem a produção literária daquela região como um sistema literário. Ou seja, o que formaria o conjunto e daria-lhe alguma coesão para que pudesse ser tratado enquanto tal. Descubro então, que o sistema se sustenta no regionalismo. Terra, falares, tipos, heróis, repertórios pretensamente específicos são a argamassa do conjunto. Lembrando que isso é elaborado pelo discurso regionalista assim como o elabora numa reciprocidade efervescente e constante.

Luiz Felipe Baeta apontando duas vertentes possíveis para se entender a idéia de região afirma que ela pode ser vista, por um lado,

como alguma coisa reconhecível em sua especificidade, em um território de contornos senão precisos ao menos suficientemente claros e que abriga características culturais definidas. A ‘região’ tende, pois, nesta corrente do imaginário, a ser algo visto como fixo, duradouro – ou até permanente –, que se distingue comparativamente de outras regiões, do conjunto de um país e, mesmo, de qualquer outra região de qualquer outro país. (FLORES, Em: ZARUR, 2000. p. 20.)

Por outro lado, pode ser vista como uma palavra de constituição que

privilegia um território como momento de nascimento de um povo, de uma raça, de um Deus, de uma religião, ou de um ideal social. Surgem aí processos de elaboração imaginária que idealizarão, sacralizarão ou santificarão áreas que de um modo ou de outro foram ‘tocadas’ por algo excepcional, seja da ordem da contingência ou da transcendência. Assim, mitos de origem ‘territorializam-se’, passam a ter um espaço físico próprio que marca a fundação (ou revigoramento ou reaparecimento) de algo excepcional. (FLORES Em: ZARUR, 2000. p. 20.)

Creio ser o momento ideal para esclarecer que ao narrar meu percurso, nessa pesquisa, o processo já vivido e experimentado se re-elabora e minha perspectiva e visão é totalmente filtrada e influenciada pelos resultados alcançados. O que relato aqui, em verdade, é uma espécie de “re-invenção”, pois a influência do percurso no seu próprio “relato histórico” é parte indissociável dele. O que narro aqui é o que passa a ser o que creio que vivi. Daí que às vezes a parte conceitual e teórica antecedendo e/ou misturando-se à “histórica” do relato é fruto exatamente dessa perspectiva.

Bem, isso esclarecido, e retornando ao assunto, pode-se afirmar que as duas vertentes apontadas por Baeta Neves Flores estão, de algum modo, sempre presentes – com densidades e intensidades variadas – em toda e qualquer fala regionalista. São esses aspectos que se articulam amalgamando, como já aponte, o discurso regionalista.

A partir daí, pareceu-me relevante pensar como esse conjunto de escritores e textos dialoga, se manifesta e reconhece enquanto uma literatura produzida em Mato Grosso. Significava, enfim, observar essa literatura e desvelar e entender o que realmente imaginava que era aquilo que a identificava, aquilo que, em tese, a tornava diferente de outros conjuntos e a colocava em relação com a comunidade que não apenas reconhecia o material produzido como também se reconhecia nele. Vale ressaltar, no entanto, que este sistema é sempre um conjunto prevalecente e dominante e que outras tentativas, outros autores, outros grupos podem, ao longo do processo de construção desse sistema, ter sido abafados, apagados ou silenciados. Tornar-se sistema já é, de algum modo, ser discurso “vencedor” dominante e hegemônico⁴.

⁴ Claro que a existência de outras forças em ebulição, formação e movimentação paralela, mas adjacente, não está descartada.

No limite, a observação destes aspectos todos era a observação da criação e invenção daquilo que se criou, se inventou, denominou e incorporou como *nossa identidade*. Termo quase siamês de regionalismo e que até hoje prevalece com presença marcante de tudo o que “é bem Mato Grosso!”.

Apenas para não perdermos as conexões, vale lembrar que se costuma dizer que se pensa em identidades quando se instaura algum tipo de crise que coloca o eu individual ou a coletividade em questão ou xeque. O que envolve, também, em cem por cento, a presença do outro. Um determinado eu diante de um determinado outro. A presença do outro, do não eu, nos incomoda e desequilibra.

A questão das identidades engloba outras questões em determinados contextos. Entretanto, sempre está acompanhada das relações – em todas as instâncias – entre nacionalismo, regionalismo, globalização, política, poder e suas ramificações. Um ponto importante a considerar é que

o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas do poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferença é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. [...] A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre as operações de incluir e de excluir. (SILVA, 2000. p. 81-82)

Nessa mesma linha Urpi Montoya Uriarte diz que “os discursos de identidade são discursos políticos na medida em que incluem ou excluem outros segmentos sociais e culturais” (URIARTE, 2002. p. 219). O importante a reter aqui é que o mesmo se aplica para o regionalismo tanto como marca não inocente e ideológica de diferenciação inclusão e exclusão.

A construção do sistema regionalista em Mato Grosso – ou melhor, a construção da literatura em Mato Grosso como sistema assentado no regionalismo – efetivamente ocorre na primeira metade do século XX, mais precisamente entre os anos 10 e 30. Encontrei nesse momento um grupo de intelectuais, escritores e artistas encabeçados por Dom Aquino Corrêa – figura absolutamente predominante e dominante no cenário político, social, cultural e religioso do período – com propósito e projeto muito claro de construção de uma literatura mato-grossense, de uma cultura para Mato Grosso. No limite, com uma clareza muito consciente de que estava lançando as bases da criação e sustentação daquilo que nos entendemos até hoje como Mato Grosso e/ou cuiabano. Melhor dizendo daquilo que deveríamos entender desde então enquanto tal. Vale lembrar que em todo o Brasil é o momento por excelência da criação das Academias Estaduais de Letras, dos Institutos Históricos e Geográficos que em seus estatutos definiam claramente seus propósitos regionalistas. Mato Grosso não ficou fora. Elabora-se o passado para a projeção futura. Não vou me deter aqui, mas isso é explícito no textos poéticos, na prosa, nos discursos, nos estatutos elaborados para o Instituto Histórico e para a Academia mato-grossense de Letras etc.

Ressalto que, no geral, observei que há uma certa tensão nesses movimentos regionalistas no sentido de que se voltam para si mesmos na perspectiva de definir-se, identificar-se e diferenciar-se (de outros grupos/conjuntos), mas esse movimento convergente (centrípeto) de “fechamento” é profunda e ideologicamente também divergente e de “abertura” uma vez que visa em essência o “outro”, o externo. Os discursos regionalistas sinalizam quase sempre a necessidade de mostrar as nossas belezas e competências para os demais. No nosso caso, para o resto do Brasil. A curiosa e interessante tensão que esse processo cria é que me parece (não tenho clareza nem certeza disso ainda) que o que se busca em verdade. Não é só interiorizar-se e exteriorizar-se. Não se trata apenas de “nacionalizar-se” ou “internacionalizar-se” (se for o caso), mas, quase que paradoxalmente, trata-se (ou pleiteia-se) algo que, na falta de um termo melhor e mais adequado, provisoriamente chamo de “nacionalização regionalizada”. Isso é, ganhar os louros, atravessar fronteiras, galgar as

famas e reconhecimentos nacionais (como nacionais) sem, entretanto, livrar-se da aura, esfera, e orgulho, regional.

Finalizando então, identifiquei essa formação litero-cultural regionalista na primeira etapa da pesquisa que resultou no já falado artigo e na organização do livro. Na segunda etapa, que teve como resultado meu trabalho de pós-doutoramento (finalizado em 2006), observei as relações entre esse primeiro grupo e uma geração mais ampla de “modernistas” e, mais restritamente um grupo de vanguarda (mais radical) que surgiu a partir dos anos 40, Silva Freire e Wladimir Dias-Pino.

O que observei de mais significativo nessa etapa é que ao tempo em que rompiam com a geração e cânones anteriores constituindo-se efetivamente como novas poéticas e estéticas de ruptura, quase que paradoxalmente aliavam-se ao discurso regionalista. Creio eu que para terem um lócus de produção e reconhecimento. Claro que não foi assim tão simples, mas, também a exemplo da primeira geração, havia a clareza de um projeto de criação/invenção com apenas um elemento modificador. Agora havia a necessidade de ser mato-grossense moderno.

Existe uma terceira etapa da pesquisa que venho trabalhando desde 2006 que é a observação da produção literária dos anos 1990 do século XX para século XXI que não falarei aqui. Fica para um próximo encontro.

Para refletir, finalizar, e demonstrar como o tema e discussão são complexos que não se trata de anacronismos, encerro citando Milton Hatoum. O escritor explica que em seu romance *Relato de um certo Oriente* tentou evitar o “exotismo” e o “regionalismo” que muitas vezes torna-se “uma camisa de força, uma forma de inscrever o texto numa área geográfica”. No entanto, esses aspectos – como “traços da cor local”, “circunstâncias históricas, geográficas e sociais” – numa obra literária “são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe, como um sonho ou pesadelo” (HATOUM, 1996. p. 11).

Obrigado pela atenção!

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. port. de Fernando Tomaz. 7ª. ed., Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira : momentos decisivos*. v. I 8.ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro : Itatiaia, 1997.

FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. Região e Nação: novas fronteiras. Em: ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Região e Nação na América Latina*. Brasília : Ed.UNB : São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 2000.

HATOUM, Milton. *Literatura e memória. Notas sobre Relato de um certo Oriente*. São Paulo : PUC-SP, 1996.

LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá : Cathedral, 2005.

_____. *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, Paisagens e Mitos do Pantanal*. Cuiabá-MT : Cathedral-Unicen Publicações, 2003. Col. Tibanaré de Estudos Mato-grossenses, vol. 4.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo : Ed. USP, 1999.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia : EdUFG, 2003.

XI Congresso Internacional da ABRALIC
Tessituras, Interações, Convergências

13 a 17 de julho de 2008
USP – São Paulo, Brasil

SILVA, Tomaz Tadeu.(Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ : Vozes, 2000.

URIARTE, Urpi Montoya. Identidades mestiças: reflexão baseada na obra do escritor peruano José Maria Arguedas. *Em*: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs). *Identidades : Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas : Mercado de Letras, 2002.